

A PRIMEIRA GERAÇÃO

Por **LERONE BENNETT JR**³⁹

Excerto de *“The Shaping of Black America”⁴⁰* (*Modelando a América Negra*), de Lerone Bennett, Jr. primeiro capítulo⁴¹: “Em agosto, quando as sombras são longas, a terra e o ar oprimem, as forças do destino pendem sobre a América Negra. Foi em agosto, oitavo mês do ano, que trezentos mil homens e mulheres se concentraram em Washington, capital. Foi em agosto que ocorreram os grandes distúrbios no bairro Watts⁴². Foi em agosto, num dia quente e opressivo, no século dezenove, que Nat Turner⁴³ despontou. E foi também num outro agosto, 344 anos antes da marcha sobre Washington, 346 anos antes de Watts, e 212 anos antes da guerra de Nat Turner, que um *“Dutch man-of-warr”*⁴⁴ velejou o rio James acima e descarregou a primeira geração de negros americanos, em Jamestown, no Estado da Virgínia.

³⁹ Lerone Bennett Jr. é um jornalista. Tem sido, há décadas, o editor-sênior e executivo da revista *Ebony*. Além do destaque que tem tido em sua profissão, é um respeitado pesquisador da história norte-americana, especialmente à relativa aos afro-americanos. Freqüente conferencista universitário, foi professor-visitante na Universidade de Northwest e membro do Instituto do Mundo Negro. Natural de Clakdale, no Mississippi, formou-se na Faculdade Morehouse. Em meio a muitos prêmios, recebeu *Troféu Perpétuo*, da Associação Nacional de Jornalistas Negros; o *Patron Saints Award*, da Sociedade dos Autores, por sua obra *What a Maner of Man*, uma biografia de Martins Luther King Jr. e o prêmio de literatura da Academia Americana de Artes e Letras.

⁴⁰ - Edição de 1975, revista em 1991, por Johnson Publishing Company, Inc.

⁴¹ - www.amazon.com/exec/obidos/tg/detail/-/0140175687/qid=1079316872/sr=1-1/ref=sr_1_1/103-2421008-7628635?v=glance&s=books

⁴² - Distrito de *Los Angeles*, onde em 1965 irrompeu violenta manifestação contra o racismo.

⁴³ - Líder escravo, cuja revolta será descrita adiante.

⁴⁴ - “Um guerreiro holandês”

Ninguém sabe a hora ou o dia da chegada dos negros. Mas não há a menor dúvida a respeito do mês. John Rolfe⁴⁵, que traiu os Pocahontas, e experimentou o fumo, estava lá. Ele que disse numa carta a seus superiores que o navio havia chegado, em torno ao fim de agosto, 1619. Rolfe tinha, sem dúvida, um nariz apurado para nicotina, mas era obviamente ignorante em história, posto que registrou imerecidamente que aquele navio “trouxera nada, senão que vinte e bizarros negros”. A respeito do que, o mais piedoso que pode ser dito é: John Rolfe estava fazendo chacota com seus superiores; posto que, no contexto da América, pode-se dizer, sem qualquer exagero, que nenhum navio, jamais, trouxera uma carga mais importante. No porão desse navio, por assim dizer, estava todo o deslumbrante panorama da América Negra – ali o jazz e os *spirituals*, além do *funk* da Broadway. Presentes, Bird⁴⁶ e Bigger⁴⁷ e Malcolm⁴⁸ e milhões de Xis e cruces, juntos com Mahalia⁴⁹ cantando, Gwendolyn Brooks⁵⁰ rimando, Duke Ellington⁵¹ compondo, James Brown⁵² grunhindo, Paul Roberson⁵³ emocionando e Sidney Poitier⁵⁴ caminhando. Todos lá, como um embrião, no ventre do navio de 160 toneladas.

⁴⁵ - John Rolfe (1585-1622). Colonialista inglês que viveu na Virgínia. Imigrou em 1610 para Jamestown e introduziu o cultivo do tabaco. Rolfe casou-se em 1614 com Pocahontas, filha do chefe Powhatan, que chegou a viajar com ele para a Inglaterra. Após a morte da esposa, ele retornou para a Virgínia onde casou-se novamente.

⁴⁶ - Charlie Parker (1920-1955) ou Bird, ou Charles Christopher Parker, Jr., ou Yardbird, grande expressão do jazz norte-americano.

⁴⁷ - Bigger Tomas, personagem central do romance de Richard Wright, “Native Son”.

⁴⁸ - Malcom X. Batizado Malcom Little – trocou por X, repudiando o nome familiar originário da senzala – nasceu em 1925 e morreu em 1963). Membro do movimento dos muçulmanos negros, defendia o orgulho dos negros.

⁴⁹ - Mahalia Jackson (1911-1972) cantora de spirituals.

⁵⁰ - Poetiza nascida em 1917. Venceu em 1949 o prêmio Pulitzer. Seus versos enfocam a luta dos negros norte-americanos.

⁵¹ - Duke Ellington (1899-1974). Nome de destaque no jazz norte-americano.

⁵² - James Brown, nascido em 1933, é conhecido também como o “Padrinho do Jazz”.

⁵³ - Paul Robeson (1898-1976) Ator, cantor e ativista dos direitos civis dos negros americanos.

O navio que navegou pelo rio James, no dia que jamais saberemos, era o início da América e, se não venhamos a ser cuidadosos, o fim. *Aquele* navio trouxe o ouro negro que tornou possível o capitalismo na América. Ele trouxe a mão-de-obra escrava que gerou Monticello e Mount Vernon⁵⁵, bem como o “Cotton Kingdom⁵⁶” e os jazigos nas dobras do terreno de Gettysburg⁵⁷. Tudo estava lá, ilegível e inevitável, no incerto dia de agosto. O navio trouxe o *blues* para a América, trouxe o *soul*, e uma pessoa com visão teria visto isso. Teria constatado que as sementes de Joe Louis⁵⁸ ali estavam; teria dito que um “King⁵⁹” apareceria, que Du Bois⁶⁰ viveria e morreria, teria antecipado agonias e sofrimentos e funerais – teria vaticinado noites de sábado e de domingo, ao longo de quatrocentos anos. Um homem de visão, eu digo, teria visto tudo isto nas vinte sementes negras plantadas naquele dia, na má fé da brancura que os impregnaria. Ele teria antevisto tudo isso, e teria se erguido para anunciar para seus espantados contemporâneos que esse navio anunciava o início da primeira Guerra Civil, e da segunda.

⁵⁴ - Sidney Poitier, nascido em 1927, foi o primeiro ator afro-americano a receber o prêmio Oscar, em 1963, e teve, no auge da carreira, como encanto seu modo de caminhar.

⁵⁵ - *Monticello* - Residência do terceiro presidente norte-americano Thomas Jefferson, por ele mesmo arquitetada. Localizado no Estado da Virgínia, é atualmente um museu.- *Mount Vernon*. - Mansão construída também no Estado da Virgínia, à margem do rio Potomac. Foi residência de George Washington, primeiro presidente norte-americano. Hoje é museu.

⁵⁶ - “*Cotton Kingdom*”, ou reino do algodão. Atividade agrícola que tornou pujante o Sul dos Estados Unidos, especialmente Atlanta, na Geórgia, amparada exclusivamente no labor escravo dos negros, descrito com precisão em “*The Souls of Black Folk*”, livro de W. E. B. Du Bois.

⁵⁷ - Cidade ao sul da Pensilvânia, onde ocorreu importante vitória do Norte (de 1 a 3 de julho de 1863), na guerra civil americana. Ficou famosa também pelo discurso de Abraham Lincoln, proferido no cemitério que ali foi implantado, em 19 de novembro de 1863.

⁵⁸ - Joe Louis (1914-1981). Campeão peso-pesado durante doze anos, entre 1937 e 1949, defendendo seu título em 25 lutas.

⁵⁹ - Insinuação a Martin Luther King.

⁶⁰ - William Edward Burghardt Du Bois (1868-1963), será freqüentemente citado neste trabalho, pois é venerado como uma das mais importantes personalidades intelectuais afro-americanas dos séculos 19 e 20.

Convenientemente, ou por destino, o navio não tinha nome, mistério que o envolve até nossos dias. De onde partira? Viera de algum ponto não identificado em alto-mar, onde assaltara uma embarcação espanhola levando um carregamento de africanos destinados às Índias Ocidentais. Em sua aventura de pirata, que em verdade foi a ação de ladrão que rouba de ladrão, o assim chamado “*Dutch man-of-war*” estava associado com o *Treasurer*, um navio baseado na Virgínia, navegando sob licença do duque de Savoy.

Embora a evidência seja atormentadoramente vaga, existem indícios de que o desembarque em Jamestown foi, como assinala James C. Ballagh⁶¹, “o resultado de uma projetada aventura comercial”. Para compreender todas as ramificações desse ponto, deve-se pausar por um momento e considerar a cortina de fundo e a cadeia de causas. Importante como foi o desembarque em Jamestown, foi somente um episódio no drama maior que se seguiu por quase quatrocentos anos e custou a vida de uns quarenta milhões de africanos.

Esse drama, conhecido como o Tráfico Africano de Escravos já se desenrolava por mais de um século quando a colônia da Virgínia foi fundada em 1607. Nesse tempo, traficantes europeus já haviam exportado dezenas de milhares de negros para o Novo Mundo, a fim de trabalhar nas Índias Ocidentais espanholas, Brasil, Cuba e outras colônias. Também nesse tempo – como se verá adiante – europeus haviam forçado centenas de negros a acompanhá-los nas explorações pioneiras do continente americano. Por razões que não necessitam deter-nos agora, os ingleses ingressaram por último nesse drama sinistro. Nos anos imediatamente precedentes ao desembarque em Jamestown, os traficantes de escravos e os fluxos de colonização eram dominados por espanhóis, portugueses e holandeses. Isto, naturalmente, desagradava aos ingleses, que lançaram inúmeros ataques contra navios espanhóis. Um dos funcionários mais modestos nessa luta chamava-se Samuel Argall, governador da colônia inglesa, Virgínia, recém estabelecida. Em abril de 1618, Argall enviou um dos navios da colônia, o *Treasurer*, para as Índias Ocidentais “sob a aparência” foi dito “de trazer para a colônia sal e ovinos”. Mas foi

⁶¹ - Em “*A History of Slavery in Virginia*”, 1902.

constatado então e depois que o navio era tripulado pelos homens mais qualificados da colônia” e carregava “pólvora, armas, roupas, materiais militares, fitas, estandartes e outros bens necessários aos guerreiros”.

Nalgum lugar, em águas das Índias Ocidentais, esse navio abordou outro, tripulado por marinheiros ingleses, mas que simulava estar navegando sob as ordens do duque de Orange, posto que em verdade não tivesse bandeira e, assim, era navio pirata. Os dois navios adiante atacaram e capturaram um navio espanhol, carregando cem ou mais escravos africanos. O *Treasurer* e o “*Dutch man-of-war*” apropriaram-se do carregamento sob a mira de fogo e rumaram para a Virgínia. Mas eles foram separados, de acordo com narrativas da época, durante uma violenta tempestade, que jogou com os navios e pôs em pânico seus ocupantes. Durante o esforço para salvar os navios, a terra que um dia viria a se chamar Estados Unidos da América recolheu suas primeiras vítimas africanas. Muitos desses morreram durante a tempestade, provavelmente de fome, e eram impiedosamente arremessados ao mar. Finalmente, após um atraso de algumas semanas, o “*Dutch man-of-war*” navegou até Hampton Roads. O capitão desse navio, uma sombria figura chamada Jope, sabedor que estava com falta de alimento, propôs-se trocar carne negra por alimentos. O negócio foi ajustado, e vinte negros e negras desembarcaram e olharam a seu redor para ver a que praia a maré do destino os havia conduzido. O *Treasurer* teria chegado pouco depois e desembarcou uma negra, Angelo.

Eles não poderiam ficar impressionados com o que viram. Jamestown era um lugar inexpressivo, úmido e primitivo, precariamente postado na parte ocidental de uma baixa e pantanosa península. A vila se constituía de uma fileira de casas em madeira mal conservadas. Havia também um prédio de madeira, qual um celeiro, que abrigava a Igreja Anglicana e a recentemente instalada Casa dos Burgueses⁶². A vila se encontrava cercada por uma paliçada em madeira e no baluarte ocidental havia uma plataforma com um canhão. Havia outras instalações, da mesma forma desinteressantes nos dois lados do

⁶² - A Câmara Baixa do Legislativo na colônia de Virgínia.

James. Lá estavam, em toda a colônia, escassas cem pessoas, na sua maioria servos ou ex-servos.

Não escapou aos novos imigrantes que o destino havia feito deles partícipes de uma aventura incerta e ilegal. Havia algo frágil, algo furtivo sobre essa comunidade. E ainda assim, havia também um ar de antecipação que era indubitavelmente relacionado com os excitantes eventos que coincidiram com a chegada dos vinte a Jamestown. Nos meses que precederam a sua chegada, a colônia havia instalado uma nova Casa dos Burgueses, embarcado seu primeiro carregamento de tabaco para a Inglaterra, formalizado um novo sistema de servidão de pessoas brancas, inaugurado um novo sistema de propriedade privada e dado boas-vindas a um carregamento de noivas, que eram prontamente compradas ao preço médio de 120 libras de tabaco, cada uma. Assim, servidão de brancos, propriedade privada, “democracia representativa”, e compra de noivas eram introduzidos na América mais ou menos ao mesmo tempo.

Apesar ou talvez por toda essa atividade, a Virgínia, em agosto de 1619, era uma comunidade de medo. Os residentes brancos estavam fazendo algo de errado, e disto tinham consciência. Estavam sistematicamente apropriando-se das terras dos americanos, ou seja, dos índios, que os haviam acolhido com civilidade, e fornecido a maioria das provisões que permitiram que sobrevivessem. Assim, eram consumidos por ansiedades e vagos temores, tendentes, como indicam relatos da época, a verem um inimigo em potencial atrás de qualquer arbusto ou sombra. Não era por nada que paliçadas abraçavam Jamestown e outros povoados, e que a lei determinava que os moradores freqüentassem a igreja munidos de suas armas de fogo, prontos para revidar qualquer ataque. Havia outros tipos de medo, também – medo do sexo, da paixão, da arte. Esses temores, vagos e entorpecidos, agregar-se-iam aos habitantes e dariam o tom ao diálogo com os novos imigrantes.

Foi através das linhas de alta voltagem desses medos e no contexto de uma situação socioeconômica demarcada pela escassez de trabalho que o negro confrontou o branco pela primeira vez na América inglesa.

Séculos mais tarde, a história deve contemplar o encontro desses dois grupos com o espanto equivalente a seu próprio assombro. A cena bruxuleia com uma porção de ironias e convida a reflexões mil, mas inúteis. Qual teria sido a primeira palavra a cruzar entre o negro e o branco? O que os brancos pensaram dos negros? O que os negros pensaram dos brancos? O que pensaram os negros, o que sentiram então à margem do rio James, na selvagem América do Norte? Nessa e em outras matérias, o escasso registro é vexatoriamente silente, dando-nos nem as faces, tampouco as paixões dos primeiros negros americanos. Sabemos de outras fontes que o grupo era composto a grosso modo do mesmo número de homens e mulheres. Sabemos também que a maioria deles tinha nomes espanhóis. Três tinham o nome de Antonio ou Antoney e uma das mulheres era chamada de Isabel. Um, todavia, conservou sua identidade africana. Seu nome, ou quem sabe já com sotaque inglês, era Jiro.

Nos anos vindouros uma intrincada controvérsia haveria de se desenvolver a respeito desse primeiro encontro no rio James. Alguns intelectuais vendo preocupações pertinentes ao século vinte na mente desses primeiros habitantes diriam, sem possuir a menor evidência, que os primeiros colonizadores brancos viram os negros e, imediatamente, começaram a demarcar avisos do tipo *Jim Crow*⁶³. Os registros não dão guarida a esse ponto de vista. Pelo contrário, há indícios claros de que os sinais que o negro encontrou na América eram de boas-vindas. Os colonos necessitavam de mão-de-obra. Nesse tempo, eram despreocupados com a cor ou local de origem das pessoas. Os vinte negros imigrantes representavam força de trabalho. E foi como trabalhador – trabalho sob contrato – que os negros ingressaram no mundo que viria a ser os Estados Unidos da América. Que seja dito de início – embora venhamos a retornar ao tema adiante em maiores detalhes – que não havia nada de inusitado na forma de transporte ou do preço pago pelos primeiros imigrantes negros. A maioria dos primeiros colonos brancos aqui chegou do mesmo jeito, e em sua maioria eram vendidos, como os primeiros negros, pelos capitães de navios ou os agentes desses. Ou de forma mais direta – nos primeiros tempos

⁶³ - De uma forma genérica *Jim Crow* deve ser entendido como sinônimo de racista. No caso: avisos racistas. O tema aparecerá adiante mais amplamente.

a terra era habitada na maior parte por uma população de negros, vermelhos e brancos escravos. A maioria desses escravos, no início, eram servos sob contrato, ou seja, eram escravos temporários que se vendiam ou eram vendidos por outrem para as colônias ou plantadores individuais por um período de tempo prefixado (cinco, sete ou mais anos) de forma a pagar o preço de sua passagem. Finalmente, e mais importante, se é muito difícil para que entendamos atualmente, raça não tinha, em 1619, o mesmo significado que tem em nossos dias. Os primeiros colonos brancos se organizavam em torno aos conceitos de classe, religião e nacionalidade, e, aparentemente, tinham pouca ou nenhuma compreensão dos conceitos de raça e escravidão. É seguramente significativo, nesse particular, que a lei inglesa em 1619 proibía a escravidão de cristãos batizados. Como exemplo, devemos considerar o primeiro julgamento americano relacionado com negros. Em novembro de 1624, um negro testemunhou contra um branco numa corte da Virgínia. O registro do processo diz: *“John Phillip, um negro cristianizado na Inglaterra, há doze anos, jurou e questionado disse que estando num navio com sir Henry Maneringe, foi trasladado para um navio espanhol nas proximidades do cabo de Santa Mary, e a carregou para mamora”*. Esse caso é especialmente instrutivo, não apenas por definir a lei daquele tempo, mas porque suporta diretamente nosso próximo ponto. Os nomes dos primeiros imigrantes negros indicam que eles foram batizados ou na Espanha ou na costa da África. Por essa razão e outras que irão despontar, é virtualmente certo que os primeiros imigrantes negros chegaram à América como seres livres, temporariamente servos. Sendo a intelectualidade americana como é, o número de estudiosos brancos que negam esse ponto é compreensivelmente grande. Mas os que propõem aquilo sentem-se obrigados a argüir a indefensável teoria segundo a qual os negros primeiramente eram escravizados e, em seguida, erguidos à condição de servos por prazo fixo, face a sempre crescente demanda de mão-de-obra, que levava à escravidão de fato os servos brancos temporários. Isto é tão espantosamente absurdo que poderá ser alocado às notas de rodapé de um pequeno jornal acadêmico.

Dois pontos se destacam neste breve retrospecto da situação legal dos primeiros negros americanos. O primeiro ponto e possivelmente mais importante é que os negros de Jamestown foram trazidos para a colônia com fundos públicos. Eram, assim, servos não de

pessoas, mas do Estado. E como servos do Estado eram designados para trabalhos da colônia ou de plantadores intimamente associados com a administração dessa. Em 1623, vinte dos vinte e três negros eram listados como servos de plantadores e autoridades, inclusive do governador, que controlava o maior número deles, onze.

O segundo ponto é que a situação legal dos imigrantes negros era, em teoria, mais alto do que a mesma situação quanto aos servos brancos. Os piratas holandeses e ingleses que venderam imigrantes negros para a colônia tinham, de fato, nenhum direito legal de propriedade que pudessem exercer ou transferi-lo. “Cativos, não como despojos de guerra, mas pela pirataria”, escreveu James C. Ballagh [os imigrantes negros] “se encontravam sob a proteção de lei internacional mantendo seu estado original, e tendo sido cidadãos de uma poderosa comunidade civilizada, podem tê-la recebido”. Podemos sem perigo algum ignorar as idéias de Ballagh a respeito de civilização. O conceito chave – que será reiterado neste livro – é poder. Nos séculos dezessete, dezoito, dezenove e vinte tratava-se de poder. Os holandeses e os ingleses detinham o poder e se valeram dele para transformar os primeiros imigrantes negros à condição de servos temporários.

Pelo que até agora registrei, dos apontamentos das cortes naquele período, os dados oficiais da Companhia da Virgínia⁶⁴ e as citações das autoridades, pode-se concluir com segurança que a primeira geração de negros se enquadrava, mais ou menos, na mesma categoria socioeconômica dos primeiros imigrantes brancos. Não apenas na Virgínia, mas também na Nova Inglaterra e Nova York – como será visto adiante – os primeiros negros se integravam no sistema de força de trabalho que tinha pouco ou nada a ver com a cor de suas peles. Isto viria depois. Mas naquele ínterim, um período decisivo dos primeiros quarenta anos de importância primária na história da América, homens e mulheres negros trabalharam lado a lado com a primeira geração de brancos, cultivando tabaco, preparando a terra e construindo estradas e edificações. O trabalho era penoso, a recompensa pequena e a mortalidade aterradora. Dois em cada três servos temporários

⁶⁴ - **Virginia Company**, nome de duas companhias inglesas de colonização licenciada pelo rei James I, em 1606. Uma foi fundada na colônia de Plymouth; a outra, adiante conhecida como Companhia de Londres, fundou colônias no sul, próximas a Jamestown, Virgínia.

brancos morriam durante seu primeiro ano nas colônias, vítimas de trabalho pesado e a temida “doença da Virgínia”, que seria provavelmente a malária. Mas a primeira geração de negros era constituída de um material mais vigoroso. Nenhum negro sequer veio a morrer nos primeiros três anos.

Nos meses e anos que se seguiram ao desembarque em Jamestown, a população negra da Virgínia cresceu lenta e inconstantemente. Em 1621, o *James* chegou da Inglaterra com imigrantes, dentre os quais havia um negro chamado Antônio. No ano seguinte *Margaret and John* trouxe Mary, outra hóspede inglesa. Em 1623, o *Swan* trouxe ainda outro negro da Inglaterra, John Pedro. Nesse tempo, os negros integravam seis de cada vinte e três brancos assentados na Virgínia.

De acordo com dados de censo, que não são de todo fidedignos, havia vinte e dois negros numa população total de 1275, em 1623. Onze homens e uma mulher negra constavam em *Fleur de Hundred*, um assentamento na margem montante do rio James. Dois homens e uma mulher se encontravam em Wariscoyack (hoje, a Ilha de Wight) na margem sul do rio James. Três mulheres viviam em Jamestown, e um homem e uma mulher estavam vivendo em Elizabeth City (hoje, Hampton). Havia o registro de um homem que vivia no istmo que liga Jamestown ao continente, e outro homem era registrado viver na plantação que ficava na margem oeste do rio Powhatan, fronteiro à Jamestown.

Neste momento ou um pouco adiante – os registros não são claros – ocorreram três eventos de fundamental importância. O primeiro deles era triste. Numa data não específica entre abril de 1622 e 16 de fevereiro de 1623, a primeira pessoa negra morreu na América inglesa. É significativo que não se saiba nem o nome, o sexo ou as circunstância da morte. A nota fria e desacurada simplesmente registra a morte de “um preto” no oeste e em Sherlow Hundred, um pequeno assentamento no lado norte de rio James e nas vizinhanças de Charles City. Embora certo mistério ainda paire sobre o evento, é óbvio que a comunicada morte de “um preto” foi significativa. Era a primeira gota de sofrimento, a primeira gota de sangue, numa bacia seca que haveria de se tornar um rio e então um oceano.

De igual ou talvez maior interesse foram outros dois eventos. Em fins de 1623 ou no início de 1624, Antony e Isabel, dois dos primeiros negros, fizeram o que pode ter sido um romance a bordo terminar num significativo matrimônio. Isabel em seguida engravidou daquele que provavelmente tenha sido a primeira criança negra nascida na América inglesa. A criança, um menino chamado William, foi levado de seu lar em Elizabeth City até Jamestown e batizado na Igreja Anglicana. William, aparentemente, não tinha sobrenome. Ingressou assim como primeiro da longa lista de jovens negros identificados por xis e pontos de interrogação. Philip Alexander Bruce, autoridade branca na colônia da Virgínia, fez observações dúbias a respeito desse nascimento. Disse: “Enquanto a mente não pode contemplar o nascimento do primeiro negro em solo norte-americano com as mesmas emoções que emanaram do nascimento de Virgínia Dare [a primeira criança branca nascida na América do Norte], o evento foi, contudo, algo que não pode ser levado em consideração sem um sentimento do mais profundo interesse, pois se reflete sobre sua ligação com os grandes eventos que haveriam de se suceder”.

Racismo à parte, não há razão pela qual não possamos contemplar esse nascimento com igual ou maior interesse do que o concedido à Virgínia Dare. Quando nos debruçamos a pensar sobre os muitos eventos que se seguiram ao nascimento de “William?” – escravidão, o capital que assegurou o combustível de partida da economia americana, a Guerra Civil e muito mais – é uma questão em aberto saber-se qual nascimento foi mais significativo.

Ocorreu um pós-escrito nesse evento que lança uma luz adicional na metodologia de alguns historiadores. Numa edição antiga de *List of Emigrants to America*, (*Lista de emigrantes para a América*), por J. C. Hotten, a primeira família negra americana estava corretamente identificada, como “Antony Negro: Isabel Negro; e William filho deles Batizado”. Já na segunda edição do mesmo trabalho, o verbete correspondente foi modificado assim: “Antony, negro, Isabel, uma negra, e William seu filho, batizado”. Assim, no impulso duma caneta, Negro tinha sua importância diminuída, a família negra era eliminada (deles era substituído por sua, em relação à Isabel), e a realidade negra era forçada para moldes preconcebidos da mente do cronista.

Tudo isso – a carga de eventos que se seguiram ao nascimento de William e os problemas característicos de alguns historiadores brancos – estava longe no futuro em 1624 quando “William ?” aumentou a população negra da Virgínia em cerca de cinco por cento. Quando do primeiro e detalhado censo, em 1624-25, havia vinte e três negros na Virgínia: onze homens, dez mulheres e duas crianças⁶⁵. Esses homens, mulheres e crianças constituíam cerca de dois por cento da população total de 1.227 (487 brancos e índios servos a contrato e 608 homens e mulheres brancos “livres”). Os habitantes negros viviam em seis dos vinte e três assentamentos e eram aparentemente os servos de sete plantadores, cinco dos quais funcionários da colônia.

Os recém casados Antoney e Isabel e seu filho William ainda viviam em Elizabeth City. John Pedro, um negro de trinta anos de idade vivia nas proximidades, nas terras da companhia, adiante do rio Hampton. Havia três negros e cinco negras não identificados numa área de terras públicas em Jamestown. No istmo, para oeste de Jamestown, estava Edward, uma figura negra solitária num assentamento branco de 126 homens e 19 mulheres. Na direção sul do rio James, em Wariscoyack, moravam Antonio e Mary, que mais adiante haveriam de considerar-se como a família mais importante dentre os negros da colônia. Quatro homens, duas mulheres e uma criança negra não identificada estavam relacionadas na plantação de Abraham Piersey, o homem mais rico da colônia. Com significativa exceção de Antoney, Isabel e William, os negros estão relacionados do mesmo modo que os brancos, como servos. O fato desses três não estarem especificamente listados como servos indica provavelmente que eles eram para todos os efeitos, pessoas livres, em 1624. Ainda o fato de lhes haver sido permitido casar, um privilégio via de regra negado aos servos, se constitui em argumento forte para essa hipótese.

Nos anos que se seguiram, a população negra cresceu por si mesma e por novas importações. Em 1649, os registros indicavam que “há na Virgínia cerca de quinze mil ingleses, e negros trazidos de lá, três mil bons servos”.

⁶⁵ - Nota no original: A segunda criança não está identificada pelo nome. Também não há indicativo no registro de haver a criança nascido na Virgínia ou no navio. James C. Ballagh identifica a criança como Peter e diz que sua mãe se chamava Frances, mas não fornece sua fonte.

Na metade do século “três mil bons servos” eram parte integrante de um sistema social em expansão que ainda não havia escolhido nem seu nome, tampouco sua orientação. A colônia era ainda constituída de uma seqüência de assentamentos ao longo do rio James, casebres isolados e cabanas protegidas por paliçadas contra o meio ambiente florestal e os índios adiante. A maioria dos habitantes vivia em solitária independência, cada grupo amontoando-se nos confins de fortificações estacadas, em meio a densos pântanos e cinturões de árvores que os separavam do próximo assentamento. Segundo narrativas antigas, na sua maioria, os habitantes eram grandes consumidores de bebidas alcoólicas, obstinados, levados ao extremo da desesperança pelo trabalho incessante e o perigo. Essa era uma época difícil e brutal, e os prazeres de então refletiam as pressões do meio ambiente. Praticamente todos “bebiam tabaco” no dizer da época, e diziam-se também que as mulheres lideravam no consumo de bebidas e fumo.

Havia outros problemas, dentre eles o perigoso desequilíbrio no número de homens e de mulheres. O resultado inevitável era o envolvimento daqueles num número espantoso de irregularidades sexuais. O problema chegou a tomar tal dimensão que a Assembléia teve de promulgar uma lei contra as mulheres inglesas “que se contrataram a diversos homens ao mesmo tempo, gerando muitos conflitos entre as partes, deixando o governador e o conselho de Estado muito intranquilo”.

Nesse ponto e por muitos anos adiante, a colônia podia ser definida como local de piedosa ganância. Esse fenômeno contraditório manifestou-se na inexorável usurpação das terras dos índios, na busca evangélica por trabalhadores para tornar a terra, assim, apropriada para a maior glória – assim era dito – de Deus. Não havia mão de obra suficiente para derrubar as árvores, construir casas e cultivar o tabaco, assim que os administradores da colônia se mantinham permanentemente voltados para conseguir mais mão-de-obra, bem como aumentar as tarefas desses obreiros. O que tornou essa busca uma guinada especial foi a insaciável demanda européia pela nova erva, o tabaco. Essa demanda fez acionar o gatilho do tornar-se próspero na colônia, sendo registrado que o tabaco era então plantado em toda a parte: no mercado, nas ruas e locais baldios.

Uma das mais notáveis realizações dessa colônia, no nosso ponto de vista, era a relativa ausência de uma consciência de cor. Das evidências que ficaram tem-se a

impressão de que os primeiros colonos não possuíam o conceito de serem *brancos*. Os documentos legais identificavam os brancos como ou ingleses ou cristãos. A palavra *branco*, com toda sua carga de culpa e arrogância, não chegou ao uso comum até a parte final do século. Para ser preciso, os negros eram identificados nos registros mais antigos como *Negroes* ou *Negers*. Mas *Negro* era uma designação mais de nacionalidade do que racial. De fato, os registros antigos identificam a *nacionalidade* da maioria dos que não eram ingleses (irlandeses, escoceses, franceses etc.). É ocioso dizer-se que havia preconceito por parte de indivíduos na Virgínia. Mas existe uma imensa diferença entre o preconceito pessoal e o social, de um sistema institucionalizado e ordenado para a discriminação. Deve-se observar, também, que o preconceito que se encontra nos registros é essencialmente de classe e que recaia sobre pessoas independentemente de sua raça, cor ou origem nacional. A divisão fundamental da sociedade naquela época não se dava entre negros e brancos, mas entre servos e senhores – e havia negros e brancos nos dois lados da linha.

A evidência a favor desse ponto recai em três categorias. Primeira, e talvez a mais importante de todas, os amos brancos mantinham igual desprezo pelos operários negros e brancos, e exigiam os mesmos encargos e o mesmo desempenho de ambos os grupos. Aos leitores de nossos dias pode soar um pouco estranho, para não dizer remoto. Mas não era de todo incomum nesses dias um amo branco outorgar a um negro posição de autoridade sobre servos, homens ou mulheres, brancos. Existe evidência incontroversa de um amo que contratou um negro como capataz para comandar seus servos. Existe, da mesma forma, um registro legal relativo a um senhor que deu por disposição testamentária liberdade a seu servo negro e determinou que ele devesse servir como guardião legal de uma serva branca.

Nessa matéria é possível citar inúmeros documentos e incontáveis autoridades. O historiador John Fiske disse que a condição geral dos servos brancos “parecia ser tão miserável”, quanto à dos brancos. Mais inequívoca é ainda a assertiva de Philip A. Bruce, que diz: “A vida que os escravos levavam, como trabalhadores agrícolas, não se diferenciava em essência daquela dos servos brancos desempenhando os mesmos encargos; a labuta esperada de ambos era a mesma, e nos campos, pelo menos, nenhuma

discriminação parecia ocorrer em favor dos brancos. Durante uma grande parte do século dezessete, o negro [sic] era considerado como mero servo perpétuo, e como trabalhador se diferenciava do branco neste particular apenas porque esse era cometido por certo número de anos". Bruce acrescenta: "Lado a lado, no campo, o servo branco e o escravo eram engajados no plantio, preparo da terra, na colheita do tabaco ou sentado lado a lado, no celeiro, manipulando as folhas, preparando-as para o mercado, ou brandindo seus machados nas mesmas árvores no trabalho de derrubar florestas, abrindo espaço para novas plantações. Dias de folga eram os mesmos para os dois, e, sem dúvida, ambos tinham direito a um pequeno espaço de terra para plantar gêneros para sua subsistência". Essa informação, que detém peso adicional, porque vem de um historiógrafo conservador com pouco apreço para com os negros, era acurada pelo menos para as primeiras décadas do século dezessete. Durante esse período, os brancos provaram ser assinaladamente cegos para a questão da cor, quando esta ia ao encontro de seus interesses econômicos. Mais tarde, quando as conveniências comerciais dos senhores coloniais mudaram, sua visão refinou-se consideravelmente.

Se os senhores brancos eram, no início, ecumênicos em sua intolerância, os servos brancos eram ainda mais tolerantes em sua identificação com os servos não brancos com quem compartilhavam a sorte. Eles trabalhavam com servos brancos no campo; bebiam cerveja do caquizeiro nas tardes de sábado ou domingo; brincavam juntos nas festas natalinas e outros feriados.

Compartilhando as mesmas acomodações, a mesma situação, e o mesmo inimigo, os primeiros negros e brancos na América, excetuados os aristocratas, desenvolveram estreitos laços de harmonia e mutualidade. Não havia barreiras que os separassem; desenvolveram-se círculos comunitários e de solidariedade. De particular interesse nesse contexto, é o fato segundo o qual os servos negros e brancos freqüentemente tornavam causa comum o desafio à classe dos senhores. Comumente fugiam juntos e em inúmeras ocasiões organizaram revoltas inter-raciais. Já em 1640, um holandês chamado Victory e um escocês de nome James Gregory alcançaram certa notoriedade por escaparem em companhia de um negro chamado John Punch. No mesmo ano e mês de julho, seis servos brancos de William Pierce fugiram com um negro chamado Emanuel. De acordo com o

registro da corte, eles conspiraram fugir através da plantação do holandês, o que fizeram. Abasteceram-se de milho, pólvora e armas, navegando em direção ao rio Elizabeth, onde alguns foram detidos. A luta de negros e brancos em busca da liberdade prosseguiu por todo o período colonial.

Esses eventos ocorriam não apenas na Virgínia, mas também em Nova York, Massachusetts e outras colônias, não somente no século dezessete, mas também no século dezoito. Para ilustrar, mostramos a seguir anúncios publicados em jornais coloniais no século dezoito:

Fugiu em abril passado de Richard Tilgman no condado de Queen Anne em Maryland, um escravo mulato de nome Richard Molson, de estatura média, com cerca de quarenta anos de idade e tem na pele marcas de varíola. Está acompanhado de uma branca de nome Mary, que se supõe seja agora sua esposa; um branco chamado Garret Choise e sua esposa Jane a qual... eles são servos de... vizinhos de Richard Tilgman...

Fugitivo do abaixo assinado, o segundo no último mês, na cidade de Potomac, condado de Frederick, Maryland, um servo mulato chamado Isaac Cromwell, fugiu ao mesmo tempo uma serva inglesa de nome Ann Greene...

Os anúncios acima servem não apenas para lançar uma luz sobre as relações íntimas que ligavam negros e brancos, mas porque ilustram uma terceira categoria de evidências, a união matrimonial em larga escala entre homens e mulheres das duas raças. Nos assentamentos pioneiros e nas primeiras plantações, servos negros e brancos eram “mantidos juntos”, como delicadamente assinalou um historiador “em associação íntima e próxima”. Isto levou a muitas relações formais e informais. O grande resultado, como atestou Peter Fontaine, testemunha contemporânea, foi que a colônia da Virgínia “fervilhou” de crianças mulatas. Isto não foi o único, como alguns acreditam, resultado de uma casual exploração da mulher negra pelos amos brancos. Ao contrário, como James Hugo Johnston provou no excelente estudo *Relações Raciais na Virgínia e Miscigenação no Sul*, “a grande parte dessa mistura racial” se deveu à união de negros com brancas.

Se acreditarmos em registros contemporâneos das cortes, muitas brancas eram livres desse “natural preconceito de raça” usualmente atribuído aos brancos no período colonial. Um exemplo, dentre muitos, pode ser citado aqui, nem tanto porque ilustre a mistura racial, mas porque evoca a ambigüidade da imagem racial àquele tempo. O exemplo, citado na corte do condado de Chester, na Pensilvânia, envolveu um guardião chamado David Lewis que “devolveu um negro de sua propriedade e uma branca por terem uma criança bastarda... o Negro disse que ela insistiu e prometeu-lhe casar consigo; confrontada, ela disse o mesmo... a corte ordenou que ele deveria receber vinte e uma chibatadas nas costas... e a corte ordenou que o negro não deveria jamais em sua vida intrometer-se com qualquer mulher branca, sob pena de sua vida”.

Como os grandes mestres brancos responderam a tudo isso?

Alguns, como os exemplos antecedentes indicam, tentaram barrá-los; outros mostraram sinais de indiferença; ainda outros os promoveram. “No século dezessete”, escreveu Johnston, “a parceria entre servos a contrato e escravos era muito próxima. Eram, via de regra, sujeitos ao mesmo tratamento, e o senhor mantinha a mesma opinião a respeito de ambos. Essa parceria levou a muitos dos casamentos que ocorreram. Nas colônias em que o número de negros escravos era comparativamente pequeno, e onde o único interesse dos senhores para com seus servos brancos era o resultado de seu trabalho, muitos anos devem ter tido pouco interesse em qualquer medida visando prevenir casamentos inter-raciais. Muitos exemplos desse desinteresse no relacionamento racial poderiam, sem dúvida, ser descobertos ao longo de todo o período colonial”. Alguns desses exemplos foram citados por Thomas Branagan, que visitou Filadélfia no século dezoito. “Muitos cidadãos de respeito,” escreveu, “reduzidos à condição de temporais, quando morrem, seus desvalidos órfãos são confinados fora da residência do proprietário, onde as servas domésticas são geralmente brancas, os servos comumente negros, e os empregadores facultam aos negros liberalidades sem limites e sem distinção entre jovens brancas e negros...” Concedendo, como devemos conceder, com algum exagero; e recordando-nos, como devemos, os senhores e servos brancos que projetaram fóbicos preconceitos, parte comumente de seus próprios problemas, nós podemos guardar esse

testemunho, e outras evidências referidas antes, como provas da fluidez da situação racial nas primeiras décadas da fundação da república.

Em examinando esse registro, fica-se perplexo não apenas com a generalizada mistura racial, mas também pelas tentativas de explicar um fenômeno que está por demais profundamente gravado nos registros para ser negado. Philip A. Bruce, por exemplo, comentou com desaprovação: “A classe de brancas que necessitavam para os trabalhos nos campos pertencia ao nível mais baixo quanto ao caráter; não tendo nascido na Virgínia, não tendo assim adquirido de berço a repugnância de uma associação com africanos num nível de igualdade social, elas cediam às tentações das situações a que eram colocadas”. O comentário mais revelador veio de um contemporâneo, Edward Long, que disse: “a classe mais baixa de mulheres na *Inglaterra*, é assinaladamente amante dos negros, por razões excessivamente brutais para serem mencionadas...” Os comentários de Long e de outros indicam que a classe alta dos brancos desse período e mais adiante tinha uma concepção ideológica a respeito dos brancos de classe baixa que era por certo racista.

Faz-se mister um esforço para se poder visualizar a formação desse mundo. Parece, de algum modo, não americano, e sem dúvida era assim, uma vez que isso existiu na América por um breve lapso de tempo, e depois por negligência. Durante anos recentes, estudiosos voltaram-se para os temas que emergiram nesse período. Alguns desses, ignorando evidências contrárias, defenderam que os ingleses tinham um aguçado sentido de distinção de cor, desde o início. Não apenas isto, falharam em deixar registrado *quais* inglês? Como qualquer um que leia os registros sabe que houve um fosso social maior a separar os ingleses ricos e os pobres também ingleses do que entre esses últimos e os africanos pobres. Proponentes deste enfoque também cometem um grave erro metodológico ao citar o histórico da escravidão negra isolado do registro da escravidão branca.

Deve-se ser cuidadoso, todavia, para não exagerar. É certo que então havia insensatos e intolerantes. E mesmo parecendo que os insensatos agiam assim por causas de classe ao invés de o fazerem motivados pela raça, o efeito em cadeia nalguns casos era o mesmo. Também é verdade que os servos negros eram mais expostos do que os servos brancos e índios. Diferentemente desses dois últimos, os negros não tinham às costas a

pressão e o poder de um grupo ou nação organizados. Tampouco eram os ingleses compelidos por seus próprios interesses a reconhecer os reclamos dos africanos. E deve ser ainda recordado que alguns africanos não falavam Inglês e que outros desconheciam o sistema legal inglês, bem como a paixão dos brancos pela propriedade privada. Como resultante, era relativamente fácil em alguns casos levar vantagem sobre os imigrantes africanos, estendendo o termo de suas servidões. Ainda, quando tudo isso é dito, permanece o fato de que alguns africanos fizeram a transição com extraordinária facilidade e exploraram com brilho as sutilezas dos ingleses no batismo e liberdade.

Dentro dos limites desse sistema de indeterminação, que somente pode ser chamado de igualdade de opressão, os negros e os brancos viajaram juntos. Muitos servos brancos trabalhavam por um determinado número de anos e depois ficavam livres. Alguns negros serviam por mais tempo do que a maioria dos brancos, mas havia negros que trabalhavam por menos tempo do que os quatro a sete anos exigidos para a maioria dos brancos. Um caso interessante e elucidativo é o de Richard Johnson, um carpinteiro negro que veio para a Virgínia em 1651, como homem livre, e assinou um contrato de servidão. Em dois anos Johnson era livre. Em três anos, havia adquirido terra e servos, servos brancos, de sua propriedade. Outro servo negro que assinou contrato de servidão por um prazo relativamente curto chamava-se Andrew Moore, que se mudou para a Virgínia, como homem livre, e deu-se a si mesmo em servidão contratual pelo prazo de cinco anos. Em outubro de 1673 a Corte Geral “ordena que o dito Moore se torne livre do referido ano, e que o mencionado Mr. Light lhe pague milho e roupas, de acordo com o costume da terra, quatrocentas libras de tabaco e um barril pelos serviços prestados enquanto já era livre, e as custas”.

Há registros também de servos negros que eram contratados por períodos de sete, dez ou mais anos.

Menos surpreendente é o fato de que a primeira geração de negros foi eleitor e participou da vida pública. Não foi senão a partir de 1723, de fato, que aos negros foi negado o direito de votar, na Virgínia. Segundo Albert E. Mc Kinley, os negros também votaram na Carolina do Norte, até 1715, na Carolina do Sul, até 1701 e na Geórgia, até 1754. Os negros não apenas votavam, mas também exerciam cargos públicos. Houve um negro fiador no condado de York, Virgínia, nas primeiras décadas do século dezessete, e um negro bedel no condado de Lancaster, Virgínia.

O que foi esboçado acima referente à Virgínia também se adéqua, com pequenas modificações, às outras colônias⁶⁶

⁶⁶ - As colônias eram: New Hampshire, Massachusetts, Rhode Island, Connecticut, Nova York, Nova Jersey, Pensilvânia, Delaware, Maryland, Virgínia, Carolina do Norte, Carolina do Sul e Geórgia.